

O Doce Canto da Oleira Cariri

Batista de Lima

Um dos bons livros de Claude Lévi-Straus é A oleira ciumenta, inspirado nas relações entre mãe e filha indígenas no ritual de passagem de ensinamentos. A mãe fala, a filha ouve e vai imitando-a na confecção de utensílios de barro, numa tribo indígena da floresta amazônica. A questão do ciúme se torna irrelevante diante da pedagogia que a mãe utiliza para preparar a filha para o crescimento diante do mundo encrespado que lhe espera.

Quando me deparei com o livro Cântico Oleiro, de Maria Helena Cardoso Marques, com suas 87 páginas de poemas, da Book Editora, veio-me à mente a comparação com a obra de Lévi-Straus. Essa dedução existe após se constatar que Maria Helena foi menina no Cariri dos engenhos e preparada como aquela indiazinha para o enfrentamento do mundo. Agora, médica, cantora de corais e saraus, dançarina e atriz, a moça que veio das fraldas da Chapada do Araripe ainda carrega aos ombros um engenho de rapadura, com seu cheiro de mel queimado e muita tiborna. Tiborna é lágrima de moagem. É o que menos se aproveita da cana e o que mais se entranha na terra. Tiborna é suor de tudo. Esse livro de Maria Helena é tiborna saindo pelos poros. Essa tiborna com gosto de salmoura é a memória da menina de engenho.

Nossa literatura é tão machista que só deu espaço para o menino de engenho, como se não existisse menina nesse doce mundo do canavial. Maria Helena é menina de engenho. Viveu entre gamelas, caldeiras, bagaceiras e rapaduras. Educou-se, adocicando-se. “Pode ser do café com rapadura/ esse cheiro que zune e se derrete/ por sobre a bagaceira e o bananal.” Sua poesia sempre nos remete ao engenho, colocando-nos na fomalha cheirosa.

O ambiente da bagaceira com suas promiscuidades próprias sempre foi um interdito para a trajetória das garotas interioranas. O que se nota no caso de Maria Helena é que essa interdição não era acentuada, e se o fora, sua forma de escritura é uma maneira de ocupar a cena do engenho, apossar-se dela pelo texto, como uma ocupação de um paraíso em algum momento perdido. É por isso que desfilam ainda: gavetas, calçadas, arroz doce, azeites, potes, urtigas, avelós, verruga, massapê, andorinhas, lobisomens, sacis, jaguatiricas, bilros, sabugos, medalhas, gado, chicote queimado, tacho, fomalha, rapadura, bagaço, cambiteiro, leilões, penitente, pendões de cana, óleo de rícino, portei-ras, tear, gados, malas, gatos, vagalumes, aranhas, formigas e poço. Todo esse

elenco de elementos dá idéia do cenário vivido por Maria Helena e revivido na sua poesia de retorno, de reconstrução de um mundo que não lhe pertencia mais e que agora retorna.

Não lhe pertencia mais esse mundo porque a autora veio para a capital, fez medicina, domiciliou-se, e as histórias que escutava a “ortografia mutilou”. “O longe é isso/ o que a gente conserva na distância/ para não se acabar”. É no entanto em “Viático” que há um princípio de metalinguagem, em que a autora canta sua profissão de fé: “Eu que não sou prendada/ não soube fazer filho nem promessa/ faço verso no avesso da medalha/ faço conta do verso para viver/. Quero morrer cantando o seu louvor./ Ser poeta é essa vaga suspeita/ das coisas que esqueci”. A poesia vem pois à tona pelo mergulho na memória.

A cantora é curiosa, está atenta à cena patriarcal do engenho e seu entorno, por isso que possui um verdadeiro “deleite por calçadas”. Essa curiosidade da juventude perdura na memória e então é preferível o fogo das urtigas e o leite do avelós do que o cheiro de alfazema das camarinhas. Menina do campo, seriema dos tabuleiros, jaçaná das represas, Maria Helena foi feita para a beira da fornalha, diante do regurgitar das caldeiras ferventes, da esquentadeira, passando pela limpadeira e pela resfriadeira até chegar no tacho, e nas gamelas. Sua poesia é carregada de rapiduridade, toda glicosada com os canaviais da memória e seus pendões brancos acenando adeuses.

Maria Helena se impõe, biografava-se como oleira, fiandeira e cambiteira. Coloca-se um pouco mais acima do que o patamar machista do cenário do engenho. Chega a denunciar que “os homens Deus fez primeiro”, que “o pecado é pontudo” e que o “amanhã nunca mais é um outro dia”. Mas todos passaram e o tempo os enterrou, até os rapazes que foram “estudar agronomia”. Ela não passou nem passará porque agasalhou-se no mundo da memória.

O que resta é a ressurreição disso tudo. Essa gravidez pela memória no tear do livro. E aí todos são acolhidos com seus caracteres para, ministrados pela autora, recomporem aquela antiga cena, desde o soldado penitente, passando pelo namorado sonso da Estação, até o pai patriarca e proprietário. Ela vai captando essas imagens e amarrando-as com as embiras da escritura.

Com relação ao estilo, Maria Helena pratica o verso livre, caracterizado pelo toque lírico, tendo em vista que o seu memorialismo é quase autobiográfico. Conhecedora do fazer poético e oriunda de uma região onde reina o cordel, a autora se apresenta estilisticamente eclética, chegando inclusive à confecção de sonetos de bela feitura. Sua companheira na difícil arte da escrita é a poesia que no poema “Espólio”, assim se apresenta: “Ela é mansa comigo/

desde o inverno/ onde contamos juntas as formigas/ e as estrelas/ que eu tomava a meu cargo agasalhar”.

Quanto ao leitor, esse também se agasalha no bagaço úmido do canal, sob o límpido luar de agosto, o cheiro adocicado da fornalha, e faz renascer o engenho nos cafundós da memória. Para isso, é preciso abrir as porteiras do texto, pedir alvíssaras a Maria Helena e ingressar nesse latifúndio literário como quem vai também para tomar posse. É preciso enfim gritar da calçada um “Ô de casa!”; para se ouvir um “ô de fora, pode entrar, que a casa é sua”.